

Uma análise semiótica da temática *bullying* em texto divulgado em rede social

Agleice Marques Gama
Francine Mendes dos Santos
Ranielli Azevedo

Resumo: Neste trabalho, apresentamos uma análise da narrativa *Aconteceu comigo: bullying*, de Emílio Carlos, exposta na rede social Facebook como forma de encorajar os visitantes a denunciarem esse mal a partir do uso das novas tecnologias da informação e da comunicação. Com o objetivo de analisarmos contextualmente os envolvidos, pautamo-nos nos níveis do percurso gerativo de sentido – fundamental, narrativo e discursivo –, enfatizando, de acordo com a semiótica francesa, os elementos que mais contribuíram para a construção do sentido do texto. Percebemos que o motivo da ocorrência do bullying não só está diretamente relacionado a aspectos físicos ou a outra forma de preconceito, mas também a imposição de uma superioridade por meio da violência física e psicológica.

Palavras-chave: semiótica greimasiana; níveis fundamental, narrativo e discursivo; *bullying*.

Introdução

De acordo com a Semiótica Francesa, os *textos* possuem um raciocínio fundamental geral, ou seja, ainda que os mesmos apresentem características individuais, há esquemas de organização comum a todos eles e é justamente a partir disto que nasce a metodologia proposta pela semiótica greimasiana – denominada assim em homenagem a seu fundador Algirdas Julien Greimas, ao final dos anos 60 - caracterizada por procurar “descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz” (LARA & MATTE 2009, p.11), ou seja, uma análise que procura entender e explicitar os mecanismos de construção de sentido no texto.

Para Fiorin (1995, p.164), a Semiótica Greimasiana considera o texto como um “(...) objeto de significação e, por conseguinte, preocupa-se fundamentalmente em estudar os mecanismos que engendram o texto, que o constituem como uma totalidade de sentido.” É na perspectiva desta metodologia que apresentamos neste trabalho a análise do texto “Aconteceu comigo: bullying”, de Emílio Carlos, encontrado exposto na rede social Facebook, como parte de um acervo de narrativas do grupo Histórias do Emílio, link <http://pt-br.facebook.com/topic.php?uid=139022846141742&topic=552>. Nesta página também há um link que direciona o visitante para o Google Groups, onde Emílio Carlos mantém uma série de histórias e textos teatrais para crianças. O autor,

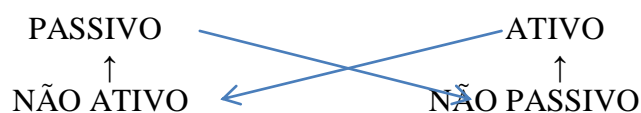
ator e diretor tem se dedicado às crianças há mais de 20 anos e possui trabalhos publicados no Brasil e em vários países - em jornais, revistas e sites.

A história inicia com uma breve apresentação de Michel, que faz o 4º ano do ensino fundamental, gosta de estudar e mantém boa relação com todos da escola, principalmente com Rafael, seu melhor amigo. Posteriormente, entra Tião na narrativa e com ele começa o problema de Michel: *bullying*. Tião é mais velho e mais alto que todos da turma e deseja impor-se como superior, tal qual fez em outras escolas, por meio da constante violência psicológica e física (*bullying*) e usa como vítima Michel, que fica cada vez mais triste e isolado. Rafael incentiva Michel a reagir contra as agressões de Tião e encoraja-o também a denunciar. Finalmente, após uma agressão sofrida na hora do recreio, Michel reage e, com isso, deixa ameaçada a liderança imposta por Tião aos alunos, a qual encerra no momento em que, avisadas por Rafael, a diretora, a professora e a inspetora de aluno flagram Tião querendo bater em Michel. Como punição, Tião fora transferido novamente de escola, rumo a mais um espaço para ele praticar o *bullying*.

Conforme a leitura e o resumo aqui exposto do texto *Aconteceu comigo: bullying* (vide anexo), optamos por dividi-lo em três partes coesas apenas como estratégia para uma melhor identificação dos momentos no que se refere ao plano do conteúdo. Dessa forma, as partes receberam, de acordo com a sequência dos fatos, as seguintes nomeações: Parte 1. *Apresentação de Michel*, Parte 2. *Chegada de Tião à escola e início do tormento de Michel* e Parte 3. *A reação de Michel*. A partir dessa divisão, detivemos a análise nos níveis do percurso gerativo de sentido – fundamental, narrativo e discursivo –, para que pudéssemos enfatizar, de acordo com a semiótica francesa, os elementos que mais contribuíram para a construção do sentido do texto como um todo.

1. Nível Fundamental

Segundo Fiorin (2006, p.21), o “nível fundamental abriga categorias semânticas que estão na base de construção de um texto”. Sendo assim, faz-se necessário que sejam estabelecidas as diferenças entre os elementos a partir de algo que tenham em comum, como afirma Lara e Matte (2009, p. 19), este “(...) é o nível das oposições de base, das tensões e das valorizações positivo /negativo”. No texto em questão, a oposição semântica se faz com /passivo/ *versus* /ativo/, podendo o quadrado semiótico ser montado da seguinte maneira:



Percebemos que os termos /passivo/ e /ativo/ no texto mantêm entre si uma relação de pressuposição recíproca, a contrariedade, e que a aplicação da negação a cada um deles ocasiona a contraditoriedade, /não passivo/ e /não ativo/.

Com relação à marcação tímica /euforia/ *versus* /disforia/ desses elementos, notamos que a atitude passiva de submissão de Michel frente às agressões de Tião possui um valor negativo, sendo considerado disfórico, e que a sua atitude ativa de reação possui valor positivo, sendo eufórico.

Já na sintaxe desse nível, observamos que há a seguinte organização: a presença de passivo, até quando Michel afirma que não reagiria porque Tião arrebentaria com ele: “_ Por que você não reage?/_ Porque ele arrebenta comigo se eu reagir – respondi quase chorando”; a de negação de /passivo/, quando Michel decide reagir não mais obedecendo a Tião: “Eu decidi reagir. Eu decidi que não ia mais aguentar aquilo”; e a de ativo em si, quando Michel se impõe a Tião: “Eu olhei bem fundo nos olhos dele e disse decidido:/_ Meu nome é Michel. E eu não vou abrir. (...) E dizendo isso devolvi o saco de papel na mão dele”. Assim, podemos dizer que a organização sintática sequencia a afirmação de passivo (disforia), negação de passivo (não-disforia) e afirmação de ativo (euforia).

2. Nível Narrativo

No nível narrativo, de acordo com Lara e Matte (2009, p.22), há os papéis actanciais com suas transformações de estado que mostram a “relação entre sujeito e objeto ou entre sujeito e um outro sujeito” em uma narrativa complexa estruturada numa sequência canônica com manipulação, competência, *performance* e sanção, como é o caso da narrativa *Aconteceu comigo: bullying*. Conforme a divisão que propusemos do texto, apresentamos em seguida o que verificamos por partes que se encontram interligadas formando um todo, utilizando, em algumas passagens, “as notações¹ que a semiótica utilizou amplamente na década de 1970” (p.23).

¹ S = sujeito
 O = objeto
 ∩ = conjunção
 U = disjunção
 → = transformação

Na parte 1, *Apresentação de Michel*, os enunciados de estado são Sujeito = Michel e o Objeto = identidade. Nesta parte, Michel mostra uma relação de conjunção com o objeto identidade, indicada pelo verbo *gostar*, o que pode ser representada pelas notações: $S_{\text{Michel}} \cap O_{\text{identidade}}$ e exemplificada pelo seguinte trecho: “Eu gosto de estudar, de aprender novas coisas. Isso me faz entender o mundo de outra maneira. Gosto da escola, dos professores e dos colegas da classe”.

Na parte 2, *Chegada de Tião à escola e início do tormento de Michel*, percebemos o início do grande conflito sofrido pelo Sujeito Michel, o qual passa de um estado de melhor aluno a vítima de *bullying*. Diante da atitude negativa de Tião para com Michel, podemos dizer que o Antissujeito/Antidestinator Tião promove uma transformação de estado no Sujeito/Destinatário Michel, que passa a estar em disjunção com seu Objeto-valor identidade. O trecho em que Tião diz a Michel “_ Escolhi! Você vai ser minha vítima esse ano!” confirma essa visão que vai ser predominante em toda essa parte. Assim temos as seguintes notações: $S_{\text{Tião}} (S_{\text{Michel}} \cap O_{\text{identidade}} \rightarrow S_{\text{Michel}} \cup O_{\text{identidade}})$ e a sincretização de papéis nos actantes Michel e Tião.

Esse mesmo trecho mostra que a partir desse momento o Sujeito Michel passa a Objeto modal do Antissujeito Tião, que está devidamente modalizado para tal ação, isto é, atualizado pelo /querer/ ou /dever/ fazer, /saber/ e /poder/ fazer. Tião, assim, faz de Michel sua vítima de *bullying*. Realiza-se enquanto Antissujeito mantendo-se ativo e em conjunção com seu Objeto descritivo identidade, representada no status de ser poderoso por determinar os sujeitos e os objetos da história por meio da violência física e psicológica.

Ainda na parte 2, no trecho “Levei um tapão nas costas e quando quis reclamar o Tião disse assim: _ Se você falar alguma coisa eu acabo com você”, observamos que o Sujeito Michel inicialmente potencializado, por perceber como iminente sua disjunção com o Objeto identidade, passa a sujeito virtualizado /quer/ ou /deve/ fazer, mas não /sabe/ nem /pode/ fazer, ou seja, reforça ainda mais a sua transformação em um sujeito em disjunção com o Objeto identidade.

Notamos que Michel além de ter medo, tem uma imagem de bom aluno a zelar junto à professora que acredita que Tião é seu amigo, já que este finge ser na presença dela, como mostra o fragmento “_ Se preocupa não, 'ssora. Eu já fiz um amigo. E bateu forte de novo nas minhas costas. A turma da bagunça riu. Mas a professora não percebeu, e disse: _ Que bom, Tião. O Michel é um de nossos melhores alunos”. Por conta disso, Michel desenvolve papéis actanciais de objeto modal do Antissujeito Tião,

de sujeito quando deseja reagir e assim o faz no final do texto e de destinatário perante Rafael e também Tião. Já Tião desenvolve os papéis actanciais de destinatário junto à diretora e à professora, esta, sem perceber, o manipula a comportar-se em sua presença, e antissujeito e antidestinador junto ao Michel, usa a manipulação para criar situações para sua performance no decorrer do texto. A professora ocupa papel actancial de destinador, ao incentivar a classe a dar as boas-vindas a Tião, ocupando, então, a classe papel actancial de destinatário. Da mesma forma que a professora, Rafael assume papel actancial de destinador ao modalizar Michel com o saber e depois com o poder (ao chamar a diretora e os outros).

Diante das manipulações apresentadas no texto, verificamos que se pode fazer a seguinte relação de persuasão: Sujeito A (Tião) persuade sujeito B (Michel) a /querer/ e/ou /dever/ fazer as suas vontades, por exemplo, abrir o saco de papel com areia na frente de todos. Para atualizar o sujeito B (Michel), dotá-lo de /poder/ e/ou /saber/, um sujeito C (Rafael) manipula o sujeito B (Michel) a reagir contra a violência sofrida (*bullying*). Dessa forma, as funções de A e C (Tião e Rafael) são de destinadores e a de B (Michel), de destinatário.

Quando falamos que o Antissujeito Tião persuade o Sujeito Michel a /querer/ e/ou /dever/ fazer suas vontades, estamos nos referindo a uma manipulação por intimidação, de valor negativo, na qual o Antissujeito se utiliza do poder (ser mais alto, ter mais força física) para modalizar o Sujeito Michel pelo /dever fazer/ por medo de sofrer retaliações. Já na tentativa do Destinador Rafael de atualizar o sujeito Michel, temos uma manipulação por tentação, como quem diz “se você reagir, ele para com o *bullying*”. Ou seja, há aí uma possibilidade de modalização pelo /querer fazer/ do sujeito Michel. Este último, para entrar em conjunção com o seu Objeto identidade e livrar-se de paixões tais como tristeza, medo, precisa sair daquela situação de ameaça constante. Propondo a reação como solução para o problema *bullying*, o Destinador Rafael tenta o /querer fazer/ do Sujeito Michel: “_ Por que você não reage?/ Porque ele arrebenta comigo se eu reagir – respondi quase chorando./ _ Conta pra professora então – replicou o Rafael”.

Na parte 3, *A reação de Michel*, percebemos que o Sujeito/Destinatório Michel sofre a manipulação /querer/ e/ou /dever/ do Antissujeito/Destinador Tião e dota-se de competência /saber/ e /poder/ fazer, reagindo para se defender apesar de parecer não querer fazer isso, ou seja, Sujeito Michel realiza a ação como mostra o seguinte fragmento: “Eu não queria pegar. Eu não queria nada dele. Mas ele pegou minha mão e

me obrigou a segurar um saco de papel. _ Não vai abrir, Michelito? Eu decidi reagir. Eu decidi que não ia mais aguentar aquilo. Eu olhei bem fundo nos olhos dele e disse decidido: _ Meu nome é Michel. E eu não vou abrir”. Isso significa que Sujeito Michel, ao ser modalizado pelo saber e pelo poder de reagir, deixa de ser um sujeito virtualizado, passa a sujeito atualizado /quer/ ou /deve/ fazer, /sabe/ e /pode/ fazer, para finalmente chegar a ação que o transforma em sujeito realizado: fez, reagiu às provocações de *bullying* praticadas por Tião. Dessa forma, constatamos a transformação de disjunção para conjunção entre Sujeito Michel e o seu Objeto identidade: $S_{\text{Michel}} \cup O_{\text{identidade}} \rightarrow S_{\text{Michel}} \cap O_{\text{identidade}}$.

Com a reação de Michel, Tião vivencia uma frustração e uma decepção. A frustração faz parte de um percurso lógico, ocorrendo justamente pela aquisição de um novo /saber/, não /poder/ ser. Já a decepção é um estado passional do sujeito frente à destruição de suas certezas. Rompe-se um contrato (simulacro) entre os sujeitos, o qual apenas Tião acreditava existir. A partir disso, há a resignação (consciência da falta, disjunção com o objeto) de Tião (LARA & MATTE, 2009): “Por um momento houve silêncio. O Tião não esperava que eu respondesse. A turma da bagunça olhou para o Tião, cobrando uma atitude. Ele percebeu que sua liderança estava ameaçada. (...) O Tião não podia acreditar. Finalmente eu o tinha enfrentado. E ele não aceitava isso”. Tião perde o controle de seu Objeto modal Michel que lhe proporcionava a obtenção de seu Objeto de valor descritivo identidade ao ser desafiado e transferido da escola.

Observamos que o Objeto identidade do sujeito Michel se caracteriza pela necessidade visível desse Sujeito de voltar a ser o que era antes, ou seja, ter status de bom aluno, ter boas notas, boa relação com professores e colegas, paz e bem estar no ambiente escolar. Já o Objeto, que também denominamos identidade, do Antissujeito e Destinador Tião está relacionado à necessidade de ser dominador, ter o status de valentão e poderoso na escola.

É interessante também notar, nesta parte, que Rafael continua a ocupar o papel actancial de destinador. Ele modaliza os atores alunos pelo /saber/ e pelo /poder/ ao trazer a cena autoridades da escola (diretora, professora, inspetora de alunos) que funcionam como objetos modalizadores do antissujeito Tião. A partir dessa cena, notamos uma manipulação por intimidação, pois o sujeito Tião é modalizado pelo /dever fazer/, a obediência às autoridades da escola que são mais fortes que ele no controle daquela situação.

Dessa forma, a sanção do Sujeito Tião, que se mantém ativo no decorrer da narrativa, é negativa, e a de Michel, que inicia o processo de Sujeito realizado já na parte final da narrativa, volta a ser positiva como era no início, haja vista que Tião foi punido com a transferência/expulsão da escola e Michel entrou em conjunção com seu objeto de valor descritivo: identidade. Assim, a expulsão é um fazer pragmático de sanção e, ao mesmo tempo, uma modalização dos atores com um saber de que reagir é uma forma de poder.

Sob a perspectiva da semiótica das paixões, inflexão dos estados de coisas para os estados de alma, o sujeito Michel, que sofre com o *bullying*, por muitas vezes recebe a influência de emoções (ao sentir frustração, decepção). Em certo momento, essas emoções transformam-se em “estados de alma”, fazem Michel parecer, aos olhos de um observador, um sujeito triste e medroso, seriam “os estereótipos culturais” discutidos por Lara e Matte (2009). Essa tristeza e o medo de Michel foram paixões que verificamos no texto.

Ainda segundo as autoras, destacamos que:

o sujeito [de estado] define-se pela modalização do seu ser e assume papéis patêmicos (ou seja, trata-se de um sujeito que teme, deseja, se alegra, se frustra, etc.). Segue assim, um percurso, tomado como uma sucessão de estados passionais e não mais como uma sucessão de transformações, como ocorre no âmbito da ação narrativa. (2009, p. 58)

Em outras palavras, ao pontuarmos em nossa análise elementos relacionados à paixão, estamos levando também em consideração o sujeito que é afetado pelo “corpo que sente” (emoções) ou pelo “acontecimento”, transformação que pode ser identificada por um observador (paixão) (LARA e MATTE, 2009, p.59).

3. Nível Discursivo

O nível discursivo de um texto é aquele que observa “a parte mais superficial e concreta do percurso gerativo de sentido” (LARA & MATTE, 2009, p. 29). Isso significa averiguar a dinâmica de pontos evidenciados tanto pela sintaxe discursiva, que descreve os mecanismos de colocação em discurso das categorias de pessoa, tempo e espaço, quanto pela semântica discursiva, que analisa os mecanismos de colocação em discurso de temas e figuras (PIETROFORTE, 2008, p.31). Sendo produzido, dessa forma, os efeitos de proximidade – subjetividade, e de distanciamento – objetividade, via enunciação.

Diante disso, no texto “Aconteceu comigo: *bullying*”, podemos observar a formalização da sintaxe discursiva a partir das projeções da enunciação no enunciado. Neste, o enunciador determina as categorias de pessoas, espaços e tempos através de mecanismos denominados *debreagem* e *embreagem*, conceituados por Fiorin como:

Debreagem é a operação em que a instância de enunciação disjunge de si e projeta para fora de si, no momento da discursivização, certos termos ligados a sua estrutura da base, com vistas a elementos fundadores do enunciado, isto é, pessoa, espaço e tempo (Greimas e Courtès, 1979, p.79). [...] A debreagem consiste, pois, num primeiro momento, em disjuntar do sujeito, do espaço e do tempo da enunciação e em projetar um não-eu, não-aqui e um não-agora. Como nenhum eu aqui e agora inscritos no enunciado são realmente a pessoa, o espaço e o tempo da enunciação, uma vez que estes são sempre pressupostos, a projeção da pessoa, do espaço e do tempo da enunciação no enunciado é também uma debreagem (Greimas e Courtès, 1979 p.79). [...] Ao contrário da debreagem que expulsa da instância de enunciação a pessoa, o espaço e o tempo do enunciado, a embreagem é “o efeito de retorno à enunciação”, produzido pela neutralização das categorias de pessoa e/ou espaço e/ou tempo, assim como pela denegação da instância do enunciado. (2002, p.43-47)

Na determinação destas categorias, a essencial para o processo enunciativo é a categoria de pessoa, pois ela referencia as outras. “Assim, espaço e tempo estão na dependência do *eu*, que neles se enuncia. O *aqui* é o espaço do *eu* e o presente é o tempo em que coincide o momento do evento descrito e o ato de enunciação que o descreve” (FIORIN, 2002, p.41). Desta forma, no texto em análise, referente à categoria de pessoa, temos uma *debreagem* actancial enunciativa, diante de um “eu” que fala e que predomina do início ao fim do mesmo.

Do ponto de vista das projeções de tempo, o texto começa com uma *debreagem* enunciativa, referindo-se ao presente - o que pode ser notado através dos verbos *tenho*, *gosto*, *faz*, *dou* - (Parte 1 - Apresentação de Michel), seguida de uma *debreagem* enunciativa, referindo-se ao passado - verbos *começaram*, *foi* - (Parte 2 - Chegada de Tião à escola e início do tormento de Michel). No que se refere à categoria de pessoa, devemos considerar que este texto apresenta um diálogo, no qual o narrador (Michel) realiza *debreagens* entre os atores (professora, Tião, Rafael e o próprio Michel), representando suas enunciações a partir do discurso direto. Fiorin (2002) define o Discurso Direto através do mecanismo de *debreagem*, como:

resultado de uma *debreagem* interna (em geral de segundo grau), em que o narrador delega voz a um actante do enunciado. O discurso direto é um simulacro da enunciação construído por intermédio do discurso do narrador. Como apresenta duas instâncias enunciativas, dois sistemas enunciativos autônomos, cada uma conserva seu *eu* e *tu*, suas referências dêiticas, as

Neste trabalho, não nos deteremos na análise de debreagem interna apresentada no texto em questão.

Quanto ao espaço, apresenta-se uma alternância entre uma debreagem enunciativa (relacionado ao momento de referência presente, que coincide com o momento da enunciação) - espaço aqui - (início e meio do texto) e uma debreagem enunciativa (relacionado ao momento de referência passado) - espaço lá - (meio e fim do texto), construindo-se, assim, diferentes efeitos de sentido.

Desse modo, percebemos que para atingir o público desejado (estudantes de educação básica, crianças e adolescentes), Emílio Carlos divulga sua produção em uma rede social na Internet. Utiliza narrador em 1ª pessoa, gerando a relação de proximidade com o leitor tão importante no conteúdo de redes sociais. Usa o passado, construindo uma história na qual um ator já passou por problemas com bullying (o problema que o autor tenta combater com sua página na Internet) e superou. Tais elementos da aspectualização são utilizados pelo autor para construir um discurso que motive crianças e jovens que enfrentam o mesmo problema a tomar uma atitude contra o mal que enfrentam, assim como fez o protagonista Michel. É aqui que se dá a relação contratual entre enunciador e enunciatário. As relações contratuais, conforme Lara e Matte, são relações de comunicação e de manipulação em que “o enunciador propõe, com base num fazer persuasivo, um contrato, um acordo ao enunciatário e este, através de um fazer interpretativo, aceita ou rejeita o contrato proposto” (2009, p.69).

Já com relação à semântica discursiva, devemos considerar que as relações de conjunção/disjunção do nível narrativo ganham a concretização ao passar ao nível discursivo e é justamente nesta fase da concretização que os elementos da narrativa recobrem-se sob a forma de temas (elementos mais abstratos / que categorizam) e figuras (elementos concretos / que correspondem ao mundo real), como afirma Greimas e Courtés “o percurso narrativo pode ser convertido, no momento da discursivização, quer em um percurso temático, quer, numa etapa ulterior, num percurso figurativo” (2008, p. 435).

Assim, a preponderância de temas ou figuras fará com que o texto se classifique, respectivamente, em um texto temático (estabelece relações e dependências de modo que a realidade possa ser explicada) ou em um texto figurativo (cria um efeito de realidade). O encadeamento de figuras formará o percurso figurativo, o qual reveste o

percurso temático (encadeamento de temas). A repetição desses percursos é denominada isotopias por Greimas e Courtés (2008) e que, advindo do domínio da física, refere-se a aquilo que dá ao texto uma coerência semântica ou um plano de leitura.

Na narrativa em análise, é possível identificarmos o tema geral *bullying*, por meio de temas parciais, como violência física, violência psicológica, passividade e atitude, identidade. Tais temas são figurativizados na escola, sendo esta representada metonimicamente também por suas partes: sala de aula, pátio, cantinho, hora do lanche, saco de papel, turma da bagunça, flagra. Assim, temos uma narrativa com um discurso temático-figurativo, apresentando, no mínimo, três planos de leitura, o que torna o discurso pluriisotópico: i) bem-estar no ambiente escolar e do gostar de estudar; ii) mal-estar no ambiente escolar que se sobrepõe-se a isotopia do bem-estar, mas não apaga a de gostar de estudar; e, por fim, iii) atitude que resgata o bem-estar e a conjunção com o objeto identidade.

Considerações Finais

A análise da história apresentada nesse trabalho utilizou-se de um texto exposto na Internet. Ressaltamos esse fato porque consideramos as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) um meio que, através da Web 2.0, ampliou as possibilidades de interação e diálogo entre a sociedade. Dentro de redes sociais como o Facebook, Orkut, Twitter e outras, temas como o bullying podem ser combatidos, esclarecidos e discutidos, a exemplo do que tem sido feito com essa narrativa que analisamos sob a perspectiva da semiótica greimasiana.

A semiótica foi uma teoria grandemente útil ao nos permitir perceber claramente, através dos elementos dos níveis fundamental, narrativo e discursivo, os papéis desempenhados pelos envolvidos e a dinâmica de conflitos presente na temática *bullying*. O motivo real do *bullying* sofrido pelo Michel, aparentemente, não está relacionado a aspectos físicos (gordo, dentuço, narigudo etc) ou outra forma de preconceito, mas ao caráter violento de Tião em querer intimidar alunos com violência física e psicológica, como é mostrado no final do texto quando a diretora descobre que por conta disso ele foi transferido para a sua escola.

Isso nos leva a pressuposição de Michel, como não fazia parte da turma da bagunça e no texto não mostra interesse em se destacar junto aos outros, não buscava aceitação social por meio do fim do *bullying* sofrido, mas o retorno de sua identidade

caracterizada pela sua harmonia com o ambiente escolar. Pressupomos, também, que a atitude violenta de Tião talvez seja uma forma dele marcar território, mostrar superioridade na classe, uma vez que a maioria dos alunos de 4º ano possuem 9 anos e ele além de ser alto já estava com quase 11, reforçando sua visão de que poderia ditar as regras naquele espaço. Isso fazia com que ele, Tião, ficasse momentaneamente em conjunção com o Objeto Descritivo também identidade, mas caracterizada pelo status escolar de superioridade advinda com o *bullying* direcionado a alunos, no caso em questão Michel, seu Objeto Modal.

Desse modo, podemos dizer que Tião, enquanto ator do *bullying*, é uma pessoa problemática que possui uma falta constitutiva, um sofredor que supera seu problema transferindo-o a outros a cada vez que é mudado de escola.

Referências

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do Texto**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2002.

CARLOS, Emílio. Aconteceu comigo: bullying. In: **Facebook**. Disponível em <http://pt-br.facebook.com/topic.php?uid=139022846141742&topic=552>

FIORIN, José Luiz. A Noção de Texto na Semiótica. In: **Organon/ Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, URGs, Porto Alegre: Faculdade de Filosofia, 1995. Vol. 9, nº 23.

FIORIN, J.L.; SAVIOLI, Platão F. **Para entender o texto**. São Paulo: Ática, 2006.

FIORIN, José Luiz. **As Astúcias da enunciação** – As Categorias de Pessoa, Espaço e Tempo. 2ª ed. Editora Ática: São Paulo, 2002.

GREIMAS, A. J., COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.

LARA, G. M. P. & MATTE, A. C. F. **Ensaios de Semiótica: aprendendo com o texto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

PIETROFORTE, A. V. S. **Tópicos de semiótica - modelos teóricos e aplicações**. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2008

Anexo

Texto: **Aconteceu comigo: bullying**, de Emílio Carlos

Parte 1 - Apresentação de Michel

Meu nome é Michel. Tenho 9 anos e estou no 4º ano do ensino fundamental.

Eu gosto de estudar, de aprender novas coisas. Isso me faz entender o mundo de outra maneira. Gosto da escola, dos professores e dos colegas da classe. Me dou bem com vários colegas – e alguns deles são meus amigos. Que nem o Rafael – que é o meu melhor amigo da escola.

Parte 2 - Chegada de Tião à escola e início do tormento de Michel

Meus problemas começaram quando o Tião foi transferido pra minha classe. O Tião tem quase 11 anos, é mais alto que todos nós e tem pose de valentão. Cara: o Tião tira todo mundo do sério! A professora vive mandando o Tião pra sala da diretora de tanto que ele perturba a aula.

Eu nunca vou me esquecer do primeiro dia em que o Tião chegou na 4ªA e me disse:

_ Escolhi! Você vai ser minha vítima esse ano!
Eu nem tive chance de dizer nada. Levei um tapão nas costas e quando quis reclamar o Tião disse assim:

_ Se você falar alguma coisa eu acabo com você.

Nessa hora a professora chegou na sala. Ela apresentou o “aluno novo” à sala:

_ Sebastião Antonio dos Santos.

_ Vulgo Tião, 'ssora.

A professora – que não conhecia o Tião – repetiu a pergunta:

_ Certo classe?

A classe então respondeu “certo” entredentes. E o Tião disse assim:

_ Se preocupa não, 'ssora. Eu já fiz um amigo.

E bateu forte de novo nas minhas costas. A turma da bagunça riu. Mas a professora não percebeu, e disse:

_ Que bom, Tião. O Michel é um de nossos melhores alunos.

E o Tião falou baixinho olhando pra mim:

_ Era, Michelito. Era.

Riu e se sentou no único lugar vago da classe: perto de mim. E eu vi que estava perdido. Ele me escolheu pra vítima mesmo. Me cutucava, vivia me dando tapas e pegava as minhas coisas – tudo isso escondido da professora.

No recreio eu comecei a me afastar dos colegas. Eu tentava ficar o mais longe possível do Tião. Eu me escondia dele. Mas não adiantava nada – ele sempre me achava. E atrás dele vinha a turma da bagunça, pra se divertir às minhas custas.

Muita gente via mas ninguém falava nada. Todo mundo tinha medo do Tião escolher outra vítima: eles. Por isso o pessoal preferia ficar quieto.

Eu já tinha ouvido falar de tristeza. Mas não sabia que uma tristeza tão grande era possível pra alguém que só tinha 9 anos. Eu fui ficando triste, chorava escondido, qualquer coisa meus olhos enchiam de água.

Um dia o Tião tomou meu lanche da minha mão só pra jogar no chão e pisar em cima. A turma da bagunça ria. E ele só me dando tapão nas costas.

Quando o Tião se afastou o Rafael disse:

_ Por que você não reage?

_ Porque ele arrebenta comigo se eu reagir – respondi quase chorando.

_ Conta pra professora então – replicou o Rafael.

_ Ela nunca acreditaria. O Tião posa de meu amigo na sala, lembra?

Comecei a querer faltar na escola. Mas minha mãe não deixava. Com a sala lotada eu não podia mudar de lugar. Eu estava sem saída.

Parte 3 – A reação de Michel

Quando pensei que o Tião já tinha aprontado de tudo comigo ele fez pior. Foi na hora do recreio. Como sempre eu tentei achar um cantinho pra poder comer o meu lanche, longe do Tião e sua gang (a turma da bagunça). Me sentei lá no canto do pátio junto com o Rafael. Não adiantou nada: eles me acharam. O Tião já foi logo me batendo e o meu lanche foi parar no chão. Daí ele disse, muito cinicamente:

_ Oh, me desculpe Michelito. Tome, Michelito. É pra você.

Eu não queria pegar. Eu não queria nada dele. Mas ele pegou minha mão e me obrigou a segurar um saco de papel.

_ Não vai abrir, Michelito?

Eu decidi reagir. Eu decidi que não ia mais aguentar aquilo. Eu olhei bem fundo nos olhos dele e disse decidido:

_ Meu nome é Michel. E eu não vou abrir.

Por um momento houve silêncio. O Tião não esperava que eu respondesse. A turma da bagunça olhou para o Tião, cobrando uma atitude. Ele percebeu que sua liderança estava ameaçada. Então olhou pra mim e disse:

_ Como é que é?

_ É isso mesmo que você ouviu: eu não vou abrir.

E dizendo isso devolvi o saco de papel na mão dele. O Tião não podia acreditar. Finalmente eu o tinha enfrentado. E ele não aceitava isso.

Tião jogou o saco de papel no chão. O saco se espatifou e espalhou areia pelo chão. A turma da bagunça me segurou por trás para o Tião me bater. Ele levantou a mão fechada, ergueu o punho o mais alto que podia e disse assim:

_ Você vai se arrepender, verme!

_ Não, Tião! Quem vai se arrepender é você. Solte ele!

Foi o Rafael que disse isso. Meu grande amigo Rafael. Ele tinha ido chamar a diretora da escola. E agora ela, a professora e a inspetora de aluno tinham pego o Tião e a turma da bagunça no flagra.

_ Soltem ele! - ordenou a diretora – Os quatro para a diretoria!

_ Mas... - tentou dizer o Tião.

Agora! - exclamou a diretora com um olhar de poucos amigos.

Eles foram parar na diretoria e não voltaram até o final da aula. E eu tive paz pela primeira vez em semanas.

A diretora chamou os pais dos quatro. A turma da bagunça levou uma suspensão: 3 dias pra cada um. A diretora descobriu que o Tião vivia importunando os alunos na outra escola que ele estudava antes. Ele foi transferido para outra escola e a mãe dele agora vai ficar em cima dele.

Michel desliga.

O texto integral encontra-se no link:

<http://pt-br.facebook.com/topic.php?uid=139022846141742&topic=552>